

## ESCOLA E JUVENTUDE: UM ESTUDO SOBRE OS VALORES HUMANOS NA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO FUNDAMENTAL EM RIACHÃO DO JACUIPE

Ana Lise Costa de Oliveira<sup>1</sup>  
Mirela Figueredo Santos Iriart<sup>2</sup>

**RESUMO:** *A educação tem sido propulsora de uma nova era do conhecimento, exigindo uma sociedade aprendente. Nesse cenário, escola e família, agentes tradicionais de formação e socialização dos jovens, têm seus papéis ressignificados interferindo na relação que estas instituições estabelecem na constituição do ser jovem. A presente pesquisa com enfoque qualitativo - observação participante e grupo focal - vem sendo desenvolvida numa escola de ensino fundamental no município de Riachão do Jacuípe com jovens entre 14 e 17 anos. Ela suscita uma problemática que envolve a tríade escola-juventude-valores humanos. Assim, os seguintes questionamentos orientam essa investigação: Como a escola vem contribuindo para a formação de valores humanos nos jovens? De que maneira o jovem percebe e vivencia esses valores no cotidiano escolar? A pesquisa, portanto, visa analisar o papel da escola, como instância formadora de valores humanos da juventude. Referendados na premissa de que a educação contemporânea precisa resgatar a sua condição de produtora de sentido (RIGAL, 2002), surge a necessidade das escolas incorporarem no seu cotidiano um ethos subjetivo (SUBIRATS, 2002), reconhecendo-se como espaço sócio-cultural (DAYRELL, 1996), de vivência de valores humanos (MIGLIORI, 1998; MENIN, 2000; PEDRO, 2002) e também de construção da personalidade moral (PUIG, 1998), considerando a conquista da autonomia moral pelos jovens (PIAGET, 1994), somado a isso uma nova condição protagonista da juventude (ABRAMO, 2005; SPÓSITO, 2005). Por fim, espera-se, longe de pretender esgotar temática, que a escola ressignifique seu espaço formativo e fortaleça vínculos com a juventude, através da educação em valores humanos dialógica, para além da doutrinação e relativismos.*

**Palavras-chave:** Educação; Escola; Juventude; Valores humanos.

### INTRODUÇÃO

É sabido que no século XX ocorreram transformações notórias que marcaram a História da Humanidade. Sobretudo no Brasil, pode-se afirmar que as grandes mudanças mundiais influenciaram todos os setores da vida humana. Dessa forma, o fenômeno da globalização, grande marca daquele século, influenciou profundamente os campos da economia, política, cultura e, conseqüentemente, alterou as relações entre os países e a visão do ser humano consigo mesmo e com o planeta. No entanto, não podemos deixar de analisar a influência da modernidade em alguns aspectos da vida humana como a sociedade e a escola associadas à formação da juventude.

Assim, os impactos da modernidade trouxeram mudanças profundas na vida social, através das intensas urbanizações, democratização dos países, decorrentes do acelerado processo

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia, especialista em Psicopedagogia, aluna do Curso de Pós-Graduação em Educação e Pluralidade Sócio-Cultural, vinculado ao Departamento de Educação de Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), contato de e-mail: [alisecosta@gmail.com](mailto:alisecosta@gmail.com).

<sup>2</sup> Psicóloga e Doutora em Saúde Coletiva (UFBA), Professora Adjunta do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), orientadora de pesquisa, contato de e-mail: [mifis@uol.com.br](mailto:mifis@uol.com.br). Orientadora

de industrialização da economia. Junta-se a isso também, as alterações no mundo da comunicação que se tornou em “massa” e vem se constituindo nesse início de novo século como um poder tão relevante, quanto os poderes estatal e clerical.

Por outro lado, Gadotti (1995) discute os efeitos nefastos da sociedade globalizada que fazem presentes abrindo verdadeiras chagas do âmbito social. Por essa razão, vivemos numa época de crise de paradigmas, de inversão de valores que se disseminam de maneira contundente e contraditória. Do ponto vista paradoxal constatamos que, embora se fale em desenvolvimento sustentável, Constituições e Ongs, nunca se desmatou tanto e se vem destruindo ecossistemas como nos dias atuais. Além disso, à proporção que se defendem os direitos humanos, também vemos nações dizimadas pela fome, doenças e guerras, populações vitimadas pelo estigma da exclusão e relegadas em segundo plano, principalmente nos grandes centros urbanos.

No que diz respeito à educação, sabemos que esta sofreu também grandes transformações, uma vez que a sociedade cresceu e vem a cada ano depositando na escola a possibilidade de mudança. Nesse intuito, a educação mudou de sentido, passou do mero ato de instruir para uma ação educativa centrada para a formação integral do sujeito, seu preparo para o mercado de trabalho e o pleno exercício da cidadania, conforme assegura a nova LDB 9.394/96. Como estamos na “Década da Educação” o nosso governo federal tem incidido boa parte dos investimentos no ensino fundamental, haja vista as reivindicações da sociedade e Leis como a ECA que amparam a infância e a juventude; por essas e outras razões tem priorizado o saber, este que nos dias atuais vem se tornando um elemento fundamental, uma ferramenta indispensável para o desenvolvimento das sociedades, a ponto de estudiosos afirmarem que no mundo contemporâneo só sobreviverão aqueles que dominarem o conhecimento.

Esse conjunto de transformações ao atingir as várias dimensões da vida humana, tem produzido modificações no papel da família e da escola, agentes tradicionais de formação e socialização dos jovens, interferindo na relação que essas instituições estabelecem na constituição do ser jovem, processo que se constrói com base nos ditames das sociedades atuais. Com isso, vive-se em um mundo permeado de informação, tecnologia e consumo, temos a sociedade do espetáculo e nela tudo parece efêmero e transitório.

É nesse contexto social que a educação escolar e a família, têm seus papéis nos processos formativos da juventude ressignificados; e os jovens adolescentes, por sua vez aparecem segundo Spósito (1997) como categoria de estudo científico em todo o mundo e no presente trabalho, tendo em vista que a escolarização, a segregação étnica e outras mudanças de cunho sócio-político cultural marcaram a evolução da adolescência no século XX, ocasionando o nascimento de uma “cultura jovem”. Nessa perspectiva, o cenário do século XXI, que ora se inicia, é caracterizado pela sociedade aprendente, e nele projetam-se exigências para a escola e a família, pois novos conceitos e valores emergem, desafiando o processo de formação dos jovens.

Nesse sentido, temos como problemática a questão norteadora que diz respeito a entender como a escola de ensino fundamental vem contribuindo para a formação de valores humanos nos jovens adolescentes? Além do mais, temos como questões científicas as seguintes indagações: como a escola de ensino fundamental se vê diante do fato dela ter influência sobre a consolidação de valores em estudantes adolescentes? Indo mais além, como nesse cotidiano escolar o jovem adolescente experimenta, vivencia valores humanos? Em que medida a prática educativa dos diversos agentes da escola (corpo docente, administrativo, funcionários), colabora ou não para a consolidação desses valores humanos?

Pensando nisso, esse estudo que aqui apresentamos tem como objetivo principal analisar o papel da escola como instituição formadora de valores e como esta vem contribuindo para o desenvolvimento ético-moral do jovem enquanto sujeitos integrais. Como objetivos específicos

também buscamos compreender a problemática da educação em valores humanos, sob a ótica de estudantes adolescentes em consonância com a visão de outros agentes da escola; além de contribuir cientificamente através dessa pesquisa, para que a escola ressignifique seu espaço formativo e fortaleça as iniciativas de educação em valores humanos, visando o crescimento pessoal de alunos e demais agentes da comunidade escolar.

No que se refere à metodologia, a pesquisa que está em andamento, tem como referência os parâmetros da pesquisa qualitativa, buscando descobrir e compreender o que está além da aparência, dos dados visíveis e perceptíveis, preocupando-se com uma dimensão da realidade que não pode ser simplesmente quantificada, centra-se mais no processo do que no produto. Por isso, a presente pesquisa tem como recorte espacial e temporal a análise da problemática em questão na cidade de Riachão do Jacuípe, situada no território de identidade da Bacia do Jacuípe no semi-árido baiano, emancipada há 79 anos, que dista 75 km de Feira de Santana e 183 Km da capital do Estado Salvador, tendo aproximadamente, segundo Censo IBGE (ano 2000) e uma população de 34.000 habitantes e conta com serviço educacional de 69 escolas, sendo que 42 delas mantidas pelo poder público municipal. O local de pesquisa está sendo na escola municipal Nossa Senhora da Conceição, por ser de ensino fundamental nas séries finais, por ter um histórico de tradição sendo um dos mais antigos estabelecimentos de ensino da cidade e, por último, ser uma escola de grande porte situada da sede e que abriga uma rica diversidade de contextos sócio-culturais. Há também a diversidade de sujeitos que aquela abriga, os quais são alunos e alunas adolescentes das turmas de 8ª séries, com idade entre 14 e 17 anos residente na zona rural e urbana da referida cidade.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos está sendo aplicada uma pesquisa de campo, mas particularmente uma pesquisa participante por esta tratar de uma excelente abordagem metodológica que enfatiza uma ação educativa que permite conhecer a realidade para poder transformá-la, além de valorizar a interação entre o pesquisador e o grupo pesquisado, proporcionando espaço, onde as pessoas falam por si mesmas, desvelando a sua realidade, interagindo mutuamente. Além disso, os objetivos da nossa investigação nos levam a optar pela técnica de pesquisa do estudo de caso, uma vez que nos permite descrever e compreender com maior intensionalidade a dinâmica escolar de um problema específico. Como instrumentos de coleta estamos utilizando a observação participante e o grupo focal, além de entrevistas. A observação participante na escola foi desenvolvida nos meses de março e abril. No mês de maio fizemos as entrevistas com funcionários e direção e no mês de junho fizemos duas sessões de grupo focal com 12 jovens estudantes das 8ª séries da escola como idade entre 14 e 17 anos, com paridade de gênero. Atualmente estamos analisando e transcrevendo as falas das entrevistas e do grupo focal. Apresentaremos apenas os resultados preliminares concernente à observação participante. A seguir desenvolveremos a temática a luz de reflexões de vários autores caracterizando assim, o desenvolvimento do trabalho.

## **ESCOLA, JUVENTUDE E VALORES HUMANOS: UM OLHAR INVESTIGATIVO SOBRE O CONTEXTO ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL PÚBLICO**

A educação do mundo contemporâneo, segundo Rigal (2002), precisa resgatar a função de reconstrutora das escolas reforçando assim a sua condição de produtora de sentido. Além disso, a pesquisadora Marina Subirats (2002) reforça essa nova visão de educação acrescentando um elemento fundamental que é a urgência de se trabalhar os valores humanos na escola, como uma saída viável para o reencontro do saber científico com a humanidade, para se construir um novo modelo de educação, onde as gerações mais jovens aprendam a humanizar-se e a conviver

num mundo com valores sólidos e construídos coletivamente em favor da dignidade e da justiça. Diante disso, torna-se imprescindível um estudo aprofundado sobre o papel da escola na formação de valores humanos, bem como entender a dinâmica desse ambiente escolar onde os valores se desenvolvem e vão colaborando na formação integral, subjetiva dos adolescentes.

Por estar inserida em determinado contexto sócio-cultural, a escola traz para seu interior os conflitos, as aflições e as mais diversas demandas que levam professores, alunos e gestores escolares a criarem espaços em seus projetos pedagógicos e demais ambientes educativos, para que crianças e adolescentes discutam e opinem sobre suas inquietações e aspirações pessoais e coletivas. É exatamente nesse momento que a educação em valores começa ser desenhada e vivenciada como processo social que se desenvolve na escola.

Assim, o conceito de adolescência e o de juventude constitui algo tão novo, que muitos pesquisadores atribuem a estes como uma invenção da sociedade moderna. No Brasil esse conceito é evidenciado nos estudos de Pais(1990) sobre a sociologia da juventude, por Spósito(1997) que analisa a intensidade das produções acadêmicas em juventude e educação e por Menin(2000) com estudos e pesquisas acerca da dos valores humanos na escola e sua implicações para a formação da consciência ético-moral do jovem brasileiro. Todos esses estudos confirmam que é preciso reconhecer que, histórica e socialmente a juventude analisada na condição de transitoriedade, entendida aqui não apenas na condição biológica e sim no âmbito da consciência Piaget (1994) e do julgamento moral (transição da heteronomia da criança para a autonomia do adulto), tem sido encarada como fase da vida marcada por certa instabilidade associada a determinados “problemas sociais” no qual se destaca o seu protagonismo social tão marcada nas décadas de 60 (conflitos de gerações) e a partir das décadas de 70 e 80 se constituindo em uma quase categoria econômica. Já na década de 90 o foco de preocupação ficou centrado na questão das crianças e adolescentes em situação de risco resultando no Estatuto da Criança e do Adolescente que, enquanto lei, deu visibilidade á temática tornando o jovem também um sujeito de direitos.

Ressalta-se que estudos recentes sobre a juventude brasileira apontam para uma nova condição juvenil: a de protagonismo. Na década atual segundo Abramo (2005) essa condição está eivada de sentido político, uma vez que enquanto sujeito de direitos, o jovem vem reivindicando seu espaço nas decisões de cunho político o que sinaliza a necessidade de políticas públicas para essa categoria populacional. Sobretudo faz-se necessário compreender as tensões que se criam em torno da “condição”(modo social) e “situação”(modo como é vivida), o que demanda compreendermos a pluralidade de contextos dessas juventudes, ao invés de juventude. Por isso confirma: “... agora a pergunta é menos sobre a possibilidade ou impossibilidade de viver a juventude e mais sobre os diferentes modos com tal condição é ou pode ser vivida” (ABRAMO, 2005, p. 44)

Retomando a problemática que suscita a tríade escola, juventude e valores humanos, nota-se que ao longo dos últimos anos, tem-se assistido a uma grande evolução do conceito e da prática de educação ao nível do ensino desde a pré-escola e progressivamente no primeiro ciclo do ensino básico, integrando os novos conhecimentos da área da psicologia e da neurologia, entre outras. A pessoa-aluno é vista como um todo, procurando e seu desenvolvimento integral e privilegiando métodos de ensino e da abordagem da criança aptos a estimular os passos de crescimento intelectual, humano e social próprios de cada etapa da infância. Começam inclusivamente a surgir diversas publicações em segmentos variados.

Contudo, infelizmente, não podemos ainda dizer o mesmo no que diz respeito à fase da adolescência. Na grande maioria dos casos, a escola, a partir do início do 2º ciclo, continua a limitar-se a um ensino do tipo acadêmico, remetendo o olhar educativo sobre o aluno adolescente

(como pessoa que vive uma fase crucial do seu desenvolvimento) para “boa vontade” de alguns poucos professores mais predispostos para o diálogo pessoal, ou para uma ou outra disciplina ou qualquer outra atividade assistemática.

Os sinais de alerta são bastante claros, por exemplo, relativamente ao insucesso escolar ou à indisciplina. Mas a motivação e a ação do professor/educador de alunos adolescentes, ou da escola com alunos adolescentes, não pode ser como a do bombeiro que vai apagar um fogo. O aluno adolescente, na sua imensa riqueza humana, ainda desconhecida mesmo para ele próprio, a sua forma de ser única e irrepetível, a sua personalidade que quer desabrochar, exigem um olhar que abarque a pessoa no seu todo: um desafio a enfrentar com paixão pelos educadores dedicados aos jovens no nosso tempo.

Sabemos que a adolescência é, com certeza, uma das etapas da vida dos alunos em que a necessidade de educação, entendida como serviço ao desenvolvimento global da pessoa, mais se faz sentir. A escola é hoje em lugar privilegiado de vivência da adolescência e da juventude. É o espaço físico, social, humano e, porque não dizer, também ideológico, visto ser a escola o lugar das idéias por excelência, o lugar da sua transmissão, do seu debate, de sua assimilação ou rejeição, em que a adolescência acontece, durante muitas horas de quase todos os dias, em inúmeros casos desde o seu limiar aos 11 anos até aos 17 ou 18 anos de idade.

Referente à compreensão da escola do século XXI como espaço sócio-cultural, percebe-se que essa premissa é notória devido as grandes conquistas resultantes de lutas dos estudos culturais e dos mais diversos movimentos sociais que fazem parte dos que crêem na mudança de nosso país, sobretudo na educação e na escola. Por isso, urge compreender a escola como espaço de construção sócio-cultural, na medida em que constatamos que, mesmo apresentando heterogeneidade notável em sua composição populacional, o Brasil desconhece a si mesmo. Na relação do país consigo mesmo é comum prevalecerem vários estereótipos, tanto regionais como em relação a grupos étnicos, sociais e culturais e principalmente com relação aos valores humanos. Mesmo em regiões, onde não se apresente uma diversidade cultural tão acentuada, o conhecimento dessa característica plural do Brasil é extremamente relevante. Ao permitir o conhecimento mútuo entre regiões, grupos e indivíduos, a educação pode contribuir na formação criança, do adolescente e o jovem para a responsabilidade social de cidadão, na tentativa de consolidar valores humanos que inspirem o espírito democrático.

Nesse sentido, precisamos ampliar essa discussão o que nos leva a refletir um pouco mais sobre a escola, enquanto espaço sócio-cultural. É preciso então analisa-la e compreendendo-a na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dinâmica dos diversos atores sociais. Assim sendo, falar da escola como espaço sócio-cultural implica assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui enquanto instituição. (DAYRELL, 1996)

Outra questão relevante apontada por Dayrell (1996) é entender a escola como espaço social próprio dinamizado por duas dimensões: a institucional e a cotidiana. A primeira corresponde ao conjunto de regras e normas que buscam delimitar e padronizar as ações dos sujeitos. A segunda é ditada por uma complexa trama de relações entre os sujeitos; relações essas que incluem alianças e conflitos, transgressões e acordos. Nessa perspectiva, um olhar heterogêneo sob o processo educativo escolar se faz necessário, uma vez que institui a convivência das velhas práticas com a construção das novas práticas e isso se dá, essencialmente, aprendendo os processos reais, cotidianos que ocorrem no interior da escola, por meio da atuação dos sujeitos na vida escolar e social. Por isso afirma:

Fica evidente que, abordar a escola pelo prisma do cotidiano permite vislumbrar a dimensão educativa presente no conjunto das relações sociais que ocorrem no

seu interior. Independente dos objetivos explícitos de cada escola, vem ocorrendo aí uma multiplicidade de situações e conteúdos educativos, que podem e devem ser potencializadas. Vista por esse ângulo, a escola se torna um espaço de encontro entre iguais, possibilitando a convivência com a diferença, de uma forma qualitativamente distinta da família e, principalmente, do trabalho. Possibilita lidar com a subjetividade, havendo oportunidade para os alunos falarem de si, trocarem idéias, sentimentos. (DAYRELL, 2007, p.10)

Assim sendo, através da observação participante, algumas dimensões do contexto escolar precisam aqui ser discutidas. Na escola investigada nota-se que existem espaços de socialização de duas naturezas: espaços livres (pátio, salas, biblioteca) e interditados (dependências administrativas como secretarias, sala dos professores, diretoria e área externa). Essa interdição ocorre por meio de barreiras explícitas (grades, portas, cartazes informativos, alguns com frases evocando valores morais como ética e respeito) e barreiras implícitas (olhares, comportamentos disciplinadores, revelando as relações de poder existentes no âmbito escolar).

Um olhar investigativo na escola pesquisada denota que a concepção de escola ainda está pautada no paradigma tradicional, onde se percebe as interrupções nos espaços, que, embora bem definidos seus limites, pouco se enxerga as conexões entre eles. Para os adolescentes, o espaço escolar se compara a uma prisão com muros visíveis e ao mesmo tempo invisíveis. Nos espaços ditos “livres” esses jovens se atraem, trocam idéias e experiências, vivem com veemência a condição de ser jovem. Já nos espaços “interditados” a condição juvenil fica relegada em segundo plano, pois muitos jovens em conversas na observação participante deixam claro em suas atitudes que, na maioria das vezes, são vistos como alunos e não como pessoas que tem sua opinião própria e uma forma diferenciada de enxergar o mundo.

Ao retomarmos a temática dos valores humanos na escola, Subirats (2000), ressalta a urgência de uma educação moral para as escolas no século XXI. O ritmo acelerado das sociedades industriais impôs a ruptura das modelos morais e com isso o sistema educativo tornou-se uma das instituições sociais que mais diretamente recebem as conseqüências negativas da falta de socialização normativa. No entanto, os discursos sobre valores ocupam um espaço relativamente marginal entre as preparações dos professores, pois o interesse dos mesmos é muitas vezes mais voltado para os conteúdos conceituais do que os conteúdos atitudinais. Sendo assim, a autora insiste que diante dos vazios de normativa moral criados pelas mudanças sociais recentes, necessita-se de uma forma de estabelecer critérios e que estes sejam transmitidos às novas gerações. Ela ainda acrescenta:

Embora de possa pensar em outras formas institucionais, hoje em dia a única instituição social expressamente planejada para a formação das pessoas jovens e que oferece certa garantia de cobertura universal (ainda que não igualitária), é o sistema educativo. (SUBIRATS 2000, p. 202)

Nesse sentido, a transformação do sistema educativo implica num debate social sobre a natureza de uma moral, que já não pode ser de conteúdos, mas de critérios e também da transformação da figura docente, que não pode ser colocada como correia de transmissão de alguns saberes indiscutíveis, mas que deve ter o caráter intelectual emancipador, crítico e autônomo. Para tanto, Subirats (2000) evidencia que os valores não podem ser ensinados da mesma maneira e com a mesma metodologia que as matérias instrumentais. Somente com a conquista da autonomia do sistema educativo é que se pode garantir mudanças profundas e eficazes, verdadeiro fomento para uma escola verdadeiramente crítico-democrática.

Além disso, conforme Freire (1996) é preciso resgatemos a ética na pauta das discussões sobre educação, para que a ética seja fomento da prática docente e que a sala de aula seja um local dinâmico, um ateliê, onde os valores humanos possam ser reinventados, experimentados, numa ótica de valorização e emancipação do homem e da sociedade.

Alem disso, conforme (Pedro, 2002) reconhece-se assim, ser cada vez mais importante que a escola possibilite aos jovens a construção dos seus próprios referenciais axiológicos de valor e favoreça a resolução de dilemas éticos que perdurarão ao longo da vida dos sujeitos. De modo, a escola contribuirá para a existência de cidadãos aptos a intervirem de forma crítica, participativa na vida de uma sociedade verdadeiramente democrática.

No entanto, é preciso ficar atentos quanto à origem e natureza da evolução dos sistemas educativos, principalmente quanto ao papel crucial que estes podem desempenhar na promoção de uma cultura ética como um processo, sempre inacabado, de formação do sujeito, enquanto pessoa, sobretudo para os jovens que estão em processo de desenvolvimento biológico e psicológico; há que se pensar também num amadurecimento moral.

Alem do mais, Puig (1998) orienta que a educação valores humanos associada a dupla escola e juventude, não deve se reduzir a uma educação moral que se adapta à realidade social, uma vez que corre o sério risco de transmitir normas sociais vigentes de modo heteronômico, ou seja, os valores são impostos e as condutas são julgadas como certo ou errado, a exemplo do Brasil durante a ditadura militar com os estudos de educação moral e cívica. Tampouco esta não deve se restringir a ajudar os jovens a descobrir os valores que cada um já tem e buscar criar e clarificar o próprio sistema de valores. Por outro lado, deve-se primar por uma educação moral como construção da personalidade e essencialmente um processo de construção de si mesmo, porque ela representa:

Uma tarefa destinada a dar forma moral a própria identidade, mediante um trabalho de reflexão e ação a partir das circunstâncias que cada sujeito vai encontrando dia a dia. Trata-se, porém, de um processo de construção que ninguém realiza de modo isolado; conta sempre com a ajuda dos demais e de múltiplos elementos culturais valiosos, que contribuem ativamente para conformar a personalidade moral de cada sujeito. (PUIG, 1998, p.20)

Concernente à dinâmica dos valores humanos no contexto escolar investigado, ficou evidente na observação participante que a educação para este fim ocorre em todos os espaços da escola, desde a portaria, passando pelas dependências administrativas, banheiros, até chegar às salas de aula. O que muda é que nos espaços ditos “livres” esses valores humanos são discutidos sem intenção pedagógica definida. No projeto pedagógico da escola ainda em fase de construção, a mesma não deixa claro um tópico específico sobre o trabalho como esses valores, embora alguns como respeito mútuo, solidariedade, foram citados como importantes e fundamentais para a dinâmica da escola no decorrer do referido projeto analisado durante o trabalho de campo. Outra dimensão do contexto escolar que merece destaque na descrição dos espaços observados é a sala de aula. Nesse âmbito a Prática Pedagógica na escola existe em duas dimensões: a de controle e a dialógica. A primeira apresenta um caráter disciplinador e doutrinário. Já a segunda caracteriza-se pela participação, interação e dialogicidade na dinâmica de sala. Contudo, nota-se que em ambas a temática da educação em valores humanos ocorre na maioria dos espaços educativos, inclusive na sala de aula, de maneira assistemática, oscilando entre a doutrinação e o relativismo.

## CONCLUSÃO

Dado o exposto, a temática da educação em valores, problematizada nesse artigo, se corrobora junto à luta por uma escola mais humana e justa, em oposição a todo tipo de tendência educacional que subjulga o trabalho com os valores humanos, tendo em vista que a escola é um dos locais privilegiados para o ser humano humanizar-se. Neste sentido, conforme Migliori (1998) é preciso que resgatemos não só a ética como também os demais valores humanos no espaço escolar. Para tanto, a prática pedagógica da educação moral deve rejeitar posturas doutrinárias ou relativistas, e buscar uma terceira vertente, na construção coletiva e em princípios valorativos fundamentais tais como: a competência amorosa, o autoconhecimento, respeito, na experiência dialógica e dialética.

Assim, a partir dos dados coletados, em confluência com a problemática e os objetivos propostos pelos nesta investigação temos como discussão preliminar que a escola por favorecer poucos espaços de socialização, onde existem relações desiguais de poder, não está possibilitando a construção valorativa autônoma dos jovens, não constituindo efetivamente um espaço sócio-cultural, o que dificulta a sua relação com os jovens estudantes. Além do mais, constata-se que a falta de autonomia vem interferindo na formação ético-moral da juventude. No entanto, é notório o esforço da comunidade escolar em superar os conflitos, aproximando-se da família e da sociedade.

Contudo, não foi nossa pretensão esgotar a complexidade envolvida na discussão do tema proposto, já que se trata, nesse caso, de um artigo que sintetiza os resultados parciais de uma pesquisa que ainda está andamento, faltando aqui uma análise dos dados das entrevistas com os funcionários e do grupo focal, etapas da pesquisa que ainda estão sendo realizadas, merecendo, por isso, uma análise aprofundada e detalhada dos discursos dos envolvidos na pesquisa, para que a luz das concepções teóricas vinculadas à temática se possa obter reflexões consistentes e fidedignas a realidade.

Sobretudo, espera-se que as reflexões neste artigo apresentadas nos oriente a pensarmos em uma educação em valores humanos centrada numa moralidade dialógica em contínuo processo de construção, levando-se em consideração a condição humana de aprendizagem, tão singular à condição juvenil. Ao relacionarmos essa temática com o contexto escolar pelo menos duas perspectivas se pode pautar sobre o ensino dos valores: inculcam-se ou aprendem-se? Somente na dinâmica investigativa do contexto escolar (e até de outros contextos) se pode obter possíveis respostas ou mais indagações para esta temática tão instigante e que vem marcando a educação na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro P. Martoni (orgs). *Condição Juvenil no Brasil contemporâneo. Retratos da Juventude Brasileira*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; instituto Cidadania, 2005, p. 40-54.

DAYRELL, Juarez. *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e terra, 1996.



GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais. In: **História das Idéias Pedagógicas**. 3ª edição São Paulo: Ática. Série Educação, 1995.

MENIN, Maria Suzana. **Valores na escola**. Revista Educação e Pesquisa. São Paulo, v.28, nº01, p.91-100, jan/jun, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11657.pdf>>. Acesso em dia: 03 mai.2007.

MIGLIORI, Regina (Org). **Ética, Valores Humanos e Transformação**. São Paulo: Peirópolis, 1998.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns cotributos. Análise Sociológica, v.25, nº 105-106. 1990.

PEDRO, Ana Paula. **Percursos de uma educação em valores em portugal: influências estratégias**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. Tradução de Elzon Lenardon. 2ª edição. São Paulo: Summus, 1994.

PUIG, Josef Maria. **A construção da personalidade moral**. Tradução de Luizete Guimarães Barros e Raquel Camorlinga Alcarraz. São Paulo: Ática, 1998.

RIGAL, Luis. A escola crítico-democrática: uma matéria pendente no limiar do século XXI. In: IMBERNON, F. (org). **A Educação do século XXI: os desafios do futuro imediato**. 2ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000, pp.150-203.

SPÓSITO, Marília Potes. **Estudos sobre juventude em Educação**. Revista Brasileira da Educação, nº06, set/out/nov/dez, 1997, p.37-52.

SUBIRATS, Marina. A Educação no século XXI: a urgência de uma educação moral. In: IMBERNON, F. (org). **A Educação do século XXI: os desafios do futuro imediato**. 2ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000, pp.150-203.